

## USOS DE CONSTRUÇÕES MEDIAIS NO PORTUGUÊS ANTIGO

Antonia Clayse-Anne de Medeiros Vieira (PIBIC/UERN)  
[claysemedeiros@hotmail.com](mailto:claysemedeiros@hotmail.com)

Isis Kenya Feliciano de Alcântara (PIBIC/CNPq/UERN)  
[kennya6@gmail.com](mailto:kennya6@gmail.com)

João Bosco Figueiredo Gomes (UERN)  
[boscofigueiredo@yahoo.com.br](mailto:boscofigueiredo@yahoo.com.br)

### Introdução

Desde que inseriu-se as estruturas verbais nas línguas clássicas indo-europeias, a classificação verbal é dividida em ativas ou passivas. Nessa perspectiva qualquer sentença produzida pelos usuários da língua é incluída em alguma dessas categorias. Isto gera um quadro confuso que revela a necessidade de mais pesquisas voltada para a verificação de tais categorias, pois nem sempre essa classificação dá conta das realizações linguísticas. Faz-se necessário, pois, uma abordagem que descreva a língua em seus aspectos formais e funcionais e reconheça construções que parecem ficar entre os pólos, não sendo nem ativas nem passivas, mas mediais. Apesar de já existir estudos com o intuito de traçar uma definição consistente para o tratamento das construções mediais, esses conceitos tem sido insatisfatórios, em função de existir visões bastante divergentes, às vezes até num mesmo autor.

Dessa forma, neste artigo pretendemos expor nossas intenções para desenvolver um projeto que verifique se, no Português Antigo, já havia construções mediais, buscando indícios diacrônicos sobre sua função e motivação para seu uso. O referencial teórico provém da Linguística Cognitivo-Funcional (BYBEE 2010, 1994; FURTADO DA CUNHA, COSTA E CEZARIO, 2003 entre outros).

A priori, serão adotadas as concepções de construções provenientes de Fillmore e Kay (1995) e Goldberg (1995); e, para medialidade, a sugerida por Ciríaco (2011), cujas visões estabelecem critérios mais consistentes para abarcar nossa pesquisa. Os dados para análise serão coletados no Corpus Diacrônico do Português – CODIPO, com formato eletrônico, que reunirá uma fonte de dados do século XII ao século XXI.

### 1. Justificativa

A tradição gramatical apresenta em sua literatura duas construções; entretanto, os falantes fazem uso da construção medial que não se adéqua a nenhuma das classificações tradicionais existentes. Trata-se de um uso específico cuja estrutura formal apresenta-se como ativa, porém seu conteúdo semântico revela-se passivo. Nesse tipo de construção, encontram-se traços que remetem a uma fase que transita entre um e outro pólo. A Gramática Tradicional parece ignorá-la e, assim propõe uma classificação redutora para essas ocorrências apontando ora como ativa ora como passiva. Uma análise mais apurada, porém, revela lacunas nessa classificação. Lacunas que implicam em consequências para o processo de ensino-aprendizagem no ensino básico acerca dessa temática. Parece que, intuitivamente, o usuário da língua percebe a vagueza da descrição gramatical exposta na GT.

Dessa forma, objetivamos em nosso estudo analisar as construções do Português Antigo, a fim de verificar a existência de construções consideradas como mediais. Como ainda não existe um consenso entre os teóricos sobre o que caracteriza as construções mediais, procuramos indícios diacrônicos que caracterizem quais são os papéis temáticos presentes em seu escopo, quais argumentos lhes são obrigatórios ou periféricos, qual é a sua motivação. Para tanto, adotamos a hipótese de que a construção medial é uma construção inerentemente dotada de forma e função próprios (CÍRIACO, 2011) e de que o fato de ela omitir algum argumento em sua estrutura se deve ao sentido intencional dado pelo usuário da língua.

Segundo a teoria Cognitivo-Funcional, referencial teórico adotado nesta pesquisa, a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na criação das estruturas e dos sistemas considerados pelos linguistas como a gramática de uma língua. Essas estruturas são moldáveis, pois sinalizam ajustes para atender às necessidades sociais de interação. Nesse sentido, as construções mediais vêm atender a uma necessidade que o falante tem de mostrar/ocultar papéis temáticos em determinadas situações de uso real.

Sendo assim, garimparemos indícios diacrônicos de construções de sincronias antigas que mostrem o que faz o falante atualmente utilizar uma ou outra das construções presentes em (1) para denotar um mesmo evento.

(1)

a) *Paulo quebrou a lâmpada.*  
Sinanimado    Vação    Oinanimado

b) *A lâmpada se quebrou*  
Sinanimado    Oclítico    Vação

c) *A lâmpada quebra facilmente*  
Sinanimado    Vação

Nas construções em (1), não é viável isolar o verbo *quebrar* para observar os processos sintático-semânticos e pragmáticos na oração. Mas, que estes aspectos devem ser analisados na oração como um todo, verificando que argumentos aparecem na sentença, qual o princípio informacional e a motivação que levou esse evento a ser concretizado.

A priori serão adotadas as concepções de construções provenientes dos postulados de Fillmore (1988); Fillmore e Kay(1995) e de Goldberg(1995) que as trata como unidades básicas da gramática; e, para medialidade, a sugerida por Ciríaco (2011) que a define como uma categoria sinalizadora de forma e função própria de uma entidade afetada. Essa postura teórica remete a um tipo semântico que apresenta dois papéis temáticos fundidos em apenas um participante proposto por Camacho (2003).

Essa análise demandará, pois, a articulação entre a teoria Cognitivo-Funcional com a da Gramática de Construções com o objetivo de explicitar as situações de uso que modelam as construções mediais. Observando e descrevendo essas construções no Português Antigo, acreditamos ser possível, a partir de indícios diacrônicos generalizar e atribuir sentido às construções mediais, além de caracterizá-las no que se refere à forma sintática e à função semântico-pragmática a que servem e o modo como atendem a essa função.

## 2. Fundamentação teórica

A seguir discorreremos acerca das teorias que embasam nossa pesquisa, sob a ótica de autores consagrados na literatura linguística centrada no uso. Assim, tentaremos fazer um breve percurso na teoria da linguística Cognitivo-Funcional, enfatizando o que essas duas vertentes tem em comum, apresentaremos o teoria da Gramática das Construções (GC) e a Construção Medial, objeto do nosso estudo.

## 2.1 A linguística Cognitivo-Funcional

Por ser a natureza da língua maleável, dinâmica e heterogênea, ela se renova incessantemente a partir das pressões provenientes da interação entre os falantes em um contexto específico de comunicação. Devido a esses fatores, ela é suscetível à mudança e à variação, convergindo, assim, para construção de novos significados e perspectivas de uso.

Seguindo essa compreensão, adotamos, neste artigo, a corrente teórica denominada Linguística Cognitivo-Funcional. De acordo com essa vertente, as estruturas gramaticais (forma) só são possíveis por causa da língua, através de seus fatores semânticos e pragmáticos (função) e não o contrário. Em outras palavras, não é a gramática que determina as necessidades da língua, mas a língua é que vai dando os contornos da gramática. Nesse sentido, os diversos usos dados pelos falantes de uma língua não podem ser vistos como desprovidos de gramática, mas como revestidos de uma gramaticalidade diferente. Assim, a emergência de uma construção linguística no cotidiano dos usuários da língua não pode ser ignorada por não ter sido descrita pela GT. Esse uso deve ser descrito e analisado para que verifiquemos quais motivações sintático-semânticas determinaram sua emergência.

Os estudiosos dessas vertentes aliam os postulados da Linguística Funcional com os da Linguística Cognitiva. Essas duas correntes partilham vários pressupostos teórico-metodológicos, a saber: considerar a semântica e a pragmática nos estudos da língua a partir do uso; compreender que a língua é um conjunto de atividades que parte das situações cognitivas e sociocomunicativas (portanto, a interação entre os falantes e sua capacidade de conhecimento de mundo é fundamental para a análise linguística); considerar que a sintaxe não é autônoma, pois emerge do uso, nem é totalmente arbitrária e tem base sócio-cognitiva (forma e função); aceitar não haver a possibilidade de divergências e diferenças entre sintaxe e léxico, pois compreende que a unidade linguística é dotada de forma e função. Ainda, em suas análises, fazer uso de amostras com evidência empírica, que ocorrem em um discurso real, e assumir que há um paralelismo entre a categorização conceptual e a categorização linguística, ou seja, conhecimento do mundo e conhecimento linguístico são inseparáveis.

## 2.2 A GC e a construção medial

Segundo a GC, a construção gramatical é a unidade básica da gramática, podendo se apresentar como um elemento formal qualquer diretamente associado a algum sentido, alguma função pragmática ou alguma estrutura informacional. Destarte, o formato das Construções de Estrutura Argumental viabiliza um meio de expressão oracional, sendo responsável pelo mapeamento entre sintaxe e semântica. Além da estrutura sintática, uma construção deve especificar papéis argumentais como agente, paciente, recipiente e meta, assim como a interação semântica entre esses papéis. As construções também devem restringir as classes de verbos que podem ser integradas nelas (por exemplo, verbos de movimento, transferência etc.), e devem especificar o modo como o tipo de evento verbal se relaciona com o tipo de evento da construção. A

moldura sintática e as especificações semânticas de uma construção são independentes dos verbos que nela podem ser incluídos, ou “fundidos”, com ela.

Portanto, as construções linguísticas, de acordo com Furtado da Cunha (2011, p. 2897), “[...] são essencialmente esquemas cognitivos do mesmo tipo que existem em outros domínios da cognição, em outras habilidades cognitivas, ou seja, procedimentos relativamente automatizados para fazer coisas (nesse caso, comunicativamente)”.

Nessa perspectiva, a língua é concebida dentro do contexto social, cujas práticas provêm dos falantes em situações sociais, reais e autênticas de comunicação com destaque aos processos de variação e mudança linguística.

Embasamo-nos, assim, na teoria da GC, que foi postulada por vários linguistas (cf. GOLDBERG, 1995), em meados da década de 1980. Está, pois, inserida em uma família de teorias sintáticas, que, cognitivamente, partilham de alguns princípios fundamentais e outros divergentes. Há, portanto, diferenças entre a teoria desenvolvida por Goldberg e a exercida por Fillmore e Kay, entre outros.

Nosso enfoque construcionista volta-se para Goldberg (1995), que defende serem algumas construções de estrutura argumental correspondentes aos tipos oracionais mais básicos e, em seu sentido central, codificam cenas (situações) que são fundamentais à experiência humana: movimento (alguma coisa se move), transferência (alguém transfere alguma coisa para uma outra pessoa), mudança de estado (alguma coisa provoca um movimento ou mudança de estado), causação, posse, estado etc. Com isso, a autora enfatiza que as sentenças produzidas por falantes de uma língua estão repletas de motivações que surgem das relações entre forma (estrutura sintática) e função (significado). Ao nos fundamentarmos teoricamente na GC de Goldberg (1995), procuramos descrever, principalmente, a construção de estrutura argumental da construção medial do português brasileiro.

Assim, compreendemos que uma construção possui uma dimensão formal que se relaciona com significados semântico, pragmático ou informacional. Nesse sentido, qualquer sentença falada ou escrita não pode ser analisada apenas segundo critérios sintáticos, ainda que as propriedades semânticas dos verbos que as integram sejam consideradas. Um fator importante é que o sentido da construção e as unidades lexicais se inter-relacionam, elas formam combinações de forma e significado, o que significa dizer que as construções sintáticas são dotadas de sentido próprio por se relacionar com as propriedades de significado. Como aponta Goldberg (1995, p. 17), “a noção de implicação lexical é semântica: é um aspecto estável do sentido de uma palavra, e pode apontar a diferença de sentido entre itens lexicais”. Esses fatores buscam nas situações de experiência humana as motivações para seus usos. Vemos, assim, que são os argumentos que motivam a existência dos sentidos para as construções sintáticas, conforme esclarece a autora:

[...] o tipo de Gramática de Construção adotada aqui defende que há uma motivação para cada construção realizada. A motivação visa explicar por que é menos possível e mais natural que esta correspondência particular entre forma e sentido possa existir em uma determinada língua (GOLDBERG, 1995, p. 17)

Goldberg procura mostrar que a gramática como um todo é constituída de construções e que o papel argumental da construção estabelece relação com o papel participante do verbo. Nesse caso, tem-se uma fusão, pois, há a exigência de um

argumento para unificar as duas. Segundo Goldberg (1995, p. 5), há princípios que estabelecem essa relação de compatibilidade:

Dois princípios condicionam a maneira como os papéis participantes de um verbo e os papéis argumentais de uma construção podem ser postos em correspondência: o Princípio da Coerência Semântica e o Princípio de Correspondência. O Princípio da Coerência Semântica exige que o papel participante do verbo e o papel argumento da construção sejam semanticamente compatíveis.

Procuramos, assim, reconhecer a construção medial a partir de um conjunto de princípios que atua em diferentes usos dos verbos, a fim de analisar qual a motivação para essa construção no uso da língua. Apesar de essa construção ser mais conhecida na literatura linguística como *média*, adotamos o termo *medial* seguindo sugestão de Ciríaco (2011) e Souza (1999). Para esses autores, esse termo é mais apropriado devido ao uso do termo *média* estar relacionado a um fenômeno distinto, do tipo de voz das línguas clássicas. Segundo Souza (1999 *apud* CIRÍACO, 2011), o fenômeno da voz *média* é oriundo do grego e apresenta um caráter híbrido quando comparada à ativa e à passiva; ou seja, enquanto nas vozes ativa e passiva o sujeito está associado, prototipicamente, aos papéis de agente e paciente respectivamente, na voz *média* o sujeito é tanto agente quanto paciente em relação à descrição de evento do verbo.

Os estudos iniciais da construção medial revelaram semelhanças com a voz *média* do grego, porém, observaram-se também várias distinções. Dentre elas, o fato de que, no grego antigo, a voz *média*

aparece com o mesmo sujeito da voz ativa, ou seja, não há a diferença animado/inanimado entre o sujeito de uma construção de voz ativa e o de uma construção de voz *média*, como normalmente se observa entre o sujeito de uma construção transitiva e o sujeito de uma construção (CIRÍACO, 2011, p.59)

Logo, trata-se de outro tipo de construção. Segundo Ciríaco (2011), as construções mediais apresentam “forma e significado próprios”. Forma e significado estão caracterizados no quadro abaixo.

Quadro 1 – Forma e significado nas construções mediais (baseado em CIRÍACO, 2011)

<b>FORMA</b>	<b>SIGNIFICADO</b>
SN (se) V (modificador).  (polo sintático)	SN afetado/paciente + Verbo de ação-processo (Vasos se quebram facilmente).  (polo semântico)

Conforme visto no Quadro 1, o polo sintático é formado pelo sujeito + verbo que pode vir, opcionalmente, acompanhado por *se* e/ou por um modificador. Já no polo semântico, o verbo é de ação-processo e o sujeito é afetado/paciente por não praticar a ação expressa pelo verbo. A ótica construcionista propõe que a análise de uma construção deveria ser realizada tomando como base o todo, sem que se isole, por exemplo, um item da construção para analisar seu papel ou sua função sem considerar. Pois, forma e significado são parte de um todo e são intrínsecos a uma construção.

Apesar dos avanços demonstrados por Ciríaco, detemo-nos a analisar sua concepção a partir de amostras retiradas da fala, pois a autora não trabalha com a língua

em uso. Entretanto, sua visão merece destaque, especialmente, por ser uma abordagem que compreende a medialidade como uma construção que é dotada de forma e função, não sendo viável isolar, por exemplo, o verbo *quebrar* para analisar os processos sintático-semânticos e pragmáticos que o rege. Tais aspectos devem ser analisados na construção como um todo, verificando que argumentos aparecem na sentença, qual o princípio informacional e a motivação que levaram esse evento a ser concretizado.

### 3. Metodologia

Nosso trabalho, cujo foco é o estudo diacrônico *das construções mediais* no Português Antigo, apresentará um caráter descritivo e interpretativo. Segundo a Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), o empreendimento de uma abordagem diacrônica tem as seguintes vantagens: a) aumentar o poder explicativo da teoria linguística; b) flagrar os fatores cognitivos e comunicativos motivadores da mudança linguística sob investigação; c) dar conta da dinamicidade dos significados de uma forma gramatical; e d) permitir fazer generalizações, a partir do trajeto de desenvolvimento dessa forma linguística em comparação com o de outras línguas.

Por razões metodológicas, dividiremos a pesquisa propriamente dita em três momentos:

1º Momento: Para a constituição do *corpus*, inicialmente, refinaremos os textos antes coletados para o *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO*, de Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006), que já reúne textos portugueses do século XII ao século XVIII e textos das 1ª e 2ª metades do século XIX e XX do português do Brasil e do português europeu. Salientamos que os textos do COMTELPO encontram-se apenas xerocopiados e com um grande volume textual. Esse refinamento enxugará os textos do Português Antigo (séculos XII a XIV) em termos de tamanho, constituindo apenas uma primeira etapa de um projeto maior que resultará na elaboração do *Corpus Diacrônico do Português – CODIPO*, com formato eletrônico, coordenado pelo professor Doutor João Bosco Figueiredo Gomes e pelo professor Mestre Wellington Vieira Mendes, que objetiva reunir uma fonte de dados do século XII ao século XXI.

2º Momento: Essa etapa constitui o levantamento das amostras das *construções mediais*, buscando indícios diacrônicos sobre sua função e motivação para seu uso, no Português Antigo.

3º Momento: Nessa terceira etapa, faremos a codificação e análise das ocorrências das *construções mediais*, observando a sua distribuição e valores no português dos séculos XII, XIII e XIV. Essa análise se dará numa perspectiva da linguística cognitivo-funcional em que observaremos as *construções mediais*, segundo as características sintático-semânticas das ocorrências, considerando o comportamento e/ou propriedades presentes na estrutura argumental. Em seguida, serão verificados quais argumentos ou participantes são selecionados por essas construções e o porquê dessa seleção.

Os dados levantados serão submetidos ao programa *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS* (NIE et al. [1968]2007), para o cálculo da frequência das variáveis, cruzamentos de dados e tratamento estatístico e, com base nesse resultado quantitativo, abalizaremos a análise qualitativa, visando explicar os usos das *construções mediais*, observando suas instâncias de continuidade e de estabilidade.

## Conclusão

Ao observarmos a literatura que trata de analisar e explicar construções mediais, presenciamos uma imensa dificuldade de se estabelecer consistência no tratamento de construções mediais em PB, devido à sua vasta complexidade. No entanto, por meio deste estudo e pela própria experiência de mundo e da observação de tudo que foi apurado, ressaltamos que há fatores que contemplam essa construção por meio de suas características peculiares. O diálogo é, nesse sentido, o responsável por intermediar a caracterização das mediais, e essa relação intermediária só será possível por meio da interação e do conhecimento de mundo.

Assim, como resultado, esperamos achar pistas que evidenciem os processos de mudança linguística pelos quais passaram as construções mediais desde o Português Antigo, como também observar suas instâncias de continuidade e de estabilidade, afim de que se possa contribuir para a compreensão de tais fenômenos linguísticos ocorridos na língua materna.

## Referências

- BYBEE, J. **Language, usage, and cognition**. Cambridge, UK: CUP, 2010
- BYBEE, J.; PERKINS, R. ; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CAMACHO, R. G. **Em defesa da categoria de voz média no português**. DELTA, 19:1, 2003. p. 91-22. Disponível na web world wide em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502003000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000100004)
- CIRÍACO, Larissa Santos. **A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativas, medial e passiva do PB**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- FIGUEIREDO-GOMES, J. B ; PENA-FERREIRA, E. (orgs.) **Corpus mínimo de textos da língua portuguesa – COMTELPO**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/PDEECAPES, 2006. (mimeo).
- FILLMORE, C. J. **On grammatical constructions**. Califórnia: UCB, 1988.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P. **Construction Grammar**. Unpublished manuscript: University of Califórnia, 1995.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **A construção ditransitiva no português do Brasil**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7. *Anais...* Curitiba, 2011.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: DP & A, 2003.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

KEMMER, S. **The middle voice**. Amsterdam/ Philadelphia: John benjamins Publishing Company, 1993.

KEMMER, S. Human cognition and the elaboration of events: some universal conceptual categories. In: TOMASELLO, M.(Ed.) **The new psicology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.